

SAGRADO FEMININO

 Cursoslivres



Fundamentos do Sagrado Feminino

O que é o Sagrado Feminino?

1. Introdução

O Sagrado Feminino é uma abordagem que resgata e valoriza a experiência, a espiritualidade e a potência simbólica do feminino em sua plenitude. Muito além de uma ideologia ou doutrina, trata-se de um caminho de autoconhecimento e de reconexão com os ciclos naturais, com a ancestralidade e com a sabedoria do corpo. Em um contexto histórico marcado pela predominância do patriarcado e da racionalidade linear, o resgate do Sagrado Feminino representa um movimento de cura, equilíbrio e integração entre polaridades.

2. O Conceito de Sagrado na Perspectiva Feminina

O termo “sagrado”, em sua origem latina *sacrare*, remete àquilo que é consagrado, separado do comum, destinado ao divino. Na perspectiva feminina, esse sagrado não se limita a dogmas ou instituições religiosas, mas se manifesta na experiência cotidiana, nos ciclos menstruais, na maternidade, na intuição e na criação. A mulher, ao reconhecer o próprio corpo como templo e veículo de conexão com a vida, redefine o que é espiritualidade.

O sagrado feminino rompe com a lógica dicotômica que opõe corpo e espírito, racionalidade e emoção, e propõe uma vivência integradora. Como destaca Clarissa Pinkola Estés (1994), “a mulher selvagem” representa essa essência instintiva e sagrada, onde o divino se revela por meio da terra, do sangue, do cuidado e da sabedoria cíclica.

Essa abordagem também resgata valores como acolhimento, empatia, nutrição, sensibilidade e intuição — aspectos que, por séculos, foram marginalizados nas sociedades ocidentais. Segundo Riane Eisler (2006), a substituição das sociedades centradas na deusa por culturas patriarcais reduziu o papel do feminino à submissão, apagando mitologias e práticas centradas na mulher como ser espiritual e sagrado.

3. Espiritualidade Feminina e Reconexão com o Corpo

A espiritualidade feminina é vivencial, fluida e profundamente conectada aos ritmos da natureza e do corpo. Enquanto tradições patriarcais historicamente valorizaram a transcendência do corpo e o domínio da matéria, o Sagrado Feminino reconhece no corpo feminino um altar vivo. O útero, os seios, o ciclo menstrual, o parto e a sexualidade são compreendidos como expressões diretas da vida e, portanto, sagradas.

Essa reconexão corporal é uma forma de empoderamento. Como afirma Vicki Noble (2003), “a mulher que se conhece profundamente é a mulher que se liberta”. Essa libertação não se dá por meio da negação do corpo, mas por seu acolhimento. A menstruação, por exemplo, deixa de ser vista como incômoda ou vergonhosa para ser reconhecida como um rito de passagem e um marcador de poder cíclico.

Além disso, práticas como meditação uterina, danças circulares, yoga lunar e o uso de elementos da natureza (ervas, cristais, rituais com a lua) são caminhos recorrentes dentro da espiritualidade feminina. Essas vivências estimulam a mulher a ouvir seu corpo, a respeitar seus limites e a se reconectar com sua energia vital.

4. O Resgate do Feminino Ancestral na Contemporaneidade

Com o avanço do feminismo, dos estudos de gênero e da espiritualidade holística, cresce o interesse por tradições antigas que cultuavam o feminino sagrado. Civilizações como a minoica, a egípcia e várias culturas indígenas possuíam divindades femininas como centro do culto religioso. Nesses contextos, a mulher era vista como a expressão da Terra-Mãe, da fertilidade, da sabedoria curativa.

O resgate do feminino ancestral na atualidade não busca uma simples volta ao passado, mas sim a recuperação de uma consciência esquecida. Essa reconexão se dá através de círculos de mulheres, terapias integrativas, reencontros com a genealogia familiar e estudos sobre deusas, mitos e arquétipos. Mirella Faur (2008), uma das principais autoras brasileiras sobre o tema, afirma que “resgatar o feminino ancestral é também curar feridas transgeracionais, silenciadas ao longo de séculos”.

Na contemporaneidade, esse resgate se entrelaça com causas sociais e ambientais. O Sagrado Feminino, ao colocar a Terra como sagrada e a mulher como sua guardiã, propõe uma ética de cuidado e de sustentabilidade. Ele também atua como ferramenta de enfrentamento das violências simbólicas e físicas sofridas pelas mulheres, oferecendo caminhos de reconexão com sua essência e sua voz.

5. Considerações Finais

O Sagrado Feminino emerge como um movimento de reconexão com aspectos profundos e essenciais da existência feminina. Ele ressignifica o corpo, a espiritualidade e o feminino como fontes legítimas de poder, sabedoria e transformação. Em tempos de crise de valores, exaustão emocional e ruptura com o natural, sua proposta é um retorno à inteireza, à escuta interna e à comunhão com o ritmo da vida.

Longe de ser uma religião ou uma verdade absoluta, o Sagrado Feminino é uma via de despertar — pessoal, ancestral e coletivo — que convida mulheres (e homens) a integrarem a polaridade feminina em suas vidas, em busca de equilíbrio, cura e expansão da consciência.



Referências Bibliográficas

- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com os Lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- EISLER, Riane. *O Cálice e a Espada: nossa história, nosso futuro*. Palas Athena, 2006.
- FAUR, Mirella. *O Anuário da Grande Mãe*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- NOBLE, Vicki. *O Feminino Sagrado*. São Paulo: Pensamento, 2003.
- SHAKTI, Monika von. *Sagrado Feminino: O resgate da energia, da força e da sabedoria da mulher*. Editora Alfabeto, 2015.



Ciclicidade e a Natureza da Mulher: Sabedoria, Ritmo e Autoconhecimento

1. Introdução

Ao longo da história, a cultura ocidental rompeu com a percepção cíclica da vida, substituindo-a por uma lógica linear, produtiva e controladora. No entanto, o corpo feminino resiste a esse modelo, expressando-se em ritmos, fluxos e fases. Reconhecer a mulher como ser cíclico é um passo fundamental para a reconexão com a natureza, com os processos internos e com a saúde física, emocional e espiritual. A ciclicidade feminina é uma linguagem do corpo e da alma, que quando escutada, permite autoconhecimento, equilíbrio e empoderamento.



2. A Mulher como Ser Cíclico: Fases da Lua e o Ciclo Menstrual

A mulher, assim como a lua, manifesta quatro fases principais em seu ciclo menstrual, cada uma com características físicas, emocionais e espirituais distintas. Essa conexão simbólica entre o ciclo menstrual e os ciclos lunares é reconhecida em diversas tradições ancestrais e espirituais.

A **lua nova** se associa à menstruação, momento de recolhimento, introspecção e limpeza. A **lua crescente** relaciona-se com a fase folicular, momento de renovação de energia e criatividade. A **lua cheia** reflete a ovulação, ápice da fertilidade, sociabilidade e expressão. Já a **lua minguante** conecta-se com a fase pré-menstrual (lútea), trazendo sensibilidade, reflexão e transformação interior (FAUR, 2008).

Essa sabedoria cíclica não se limita ao aspecto biológico. Mulheres na menopausa ou com o ciclo interrompido por qualquer motivo continuam a manifestar energeticamente essas fases, podendo usar os ciclos lunares como guia de autoconhecimento e alinhamento emocional.

3. As Quatro Fases da Mulher: Donzela, Mãe, Feiticeira e Anciã

Ao longo da vida, a mulher percorre quatro arquétipos fundamentais: **Donzela, Mãe, Feiticeira e Anciã**. Cada arquétipo representa uma fase da jornada feminina e pode ser vivenciado de forma cíclica a cada mês, refletindo a natureza multifacetada da mulher.

- **Donzela** (fase pré-ovulatória / lua crescente): simboliza o início, a juventude, a ousadia e a ação. A mulher está mais racional, produtiva e criativa. É um momento favorável para iniciar projetos e se conectar com a independência.
- **Mãe** (ovulação / lua cheia): representa o auge da fertilidade, mas também do cuidado, da nutrição e da generosidade. Essa fase favorece relações sociais, empatia e comunicação amorosa.
- **Feiticeira** (fase pré-menstrual / lua minguante): arquétipo ligado à intuição, ao inconsciente e à magia. Traz à tona emoções reprimidas, verdades ocultas e o desejo de introspecção. É momento de transmutação.
- **Anciã** (menstruação / lua nova): momento de sabedoria, recolhimento e escuta interior. A mulher se volta para dentro de si, acessando insights profundos e se reconectando com sua ancestralidade.

Esses arquétipos descritos por autoras como Jean Shinoda Bolen (1990) e Vicki Noble (2003) ajudam a compreender os aspectos emocionais, criativos e espirituais que se alternam na psique feminina, permitindo uma relação mais amorosa e consciente com as próprias fases.

4. A Importância do Autoconhecimento Hormonal e Emocional

O ciclo menstrual não é apenas um fenômeno biológico; ele é também um guia emocional e energético. Cada fase hormonal influencia o humor, a disposição física, a criatividade e até mesmo a libido. Quando a mulher compreende essas variações e as acolhe sem culpa ou repressão, ela ganha liberdade e autonomia para gerir melhor suas atividades, relações e bem-estar.

A fase folicular, por exemplo, é marcada por um aumento de estrogênio, promovendo energia, concentração e otimismo. A ovulatória traz picos hormonais que aumentam a confiança e a sociabilidade. Já a fase lútea, com predomínio da progesterona, favorece a introspecção, mas também pode trazer irritabilidade e sensibilidade emocional. A fase menstrual, com baixa hormonal, convida ao descanso e ao silêncio interior (NORTHROP, 2010).

Quando ignorados ou combatidos, esses processos naturais podem gerar desequilíbrios emocionais, distúrbios menstruais e até quadros de ansiedade e depressão. Por isso, muitas mulheres adotam práticas como o **diário do ciclo**, mapeando sintomas físicos e emocionais ao longo do mês. Esse exercício facilita a criação de uma agenda mais respeitosa com os próprios limites e potencializa a produtividade de forma saudável.

Além disso, esse conhecimento permite escolhas mais conscientes relacionadas à alimentação, atividades físicas, sexualidade e cuidados terapêuticos, promovendo saúde integral. O autoconhecimento hormonal é também um caminho de prevenção e cura de doenças ginecológicas como síndrome dos ovários policísticos, endometriose e tensão pré-menstrual severa.

5. Considerações Finais

Reconhecer-se como um ser cíclico é um ato político, espiritual e terapêutico para a mulher contemporânea. Em um mundo que valoriza a linearidade, a constância e a produtividade ininterrupta, honrar os próprios ciclos é uma forma de resistência e reconexão com a natureza essencial do feminino.

A ciclicidade revela que não há um único jeito de ser mulher, mas uma dança interna de arquétipos, hormônios e emoções que se renovam a cada fase. Ao integrar essa sabedoria, a mulher aprende a fluir com mais autenticidade, potência e equilíbrio, encontrando no próprio corpo a bússola de sua jornada.

Referências Bibliográficas

- BOLEN, Jean Shinoda. *As Deusas e a Mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Rocco, 1990.
- FAUR, Mirella. *O Anuário da Grande Mãe*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- NOBLE, Vicki. *O Feminino Sagrado*. São Paulo: Pensamento, 2003.
- NORTHRUP, Christiane. *A Sabedoria da Menopausa*. São Paulo: Rocco, 2010.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com os Lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



Mitos e Arquétipos Femininos: As Faces da Alma da Mulher

1. Introdução

Desde os tempos antigos, mitos e arquétipos femininos têm sido formas poderosas de compreender a psique humana, especialmente no que diz respeito ao universo feminino. As deusas das mitologias grega, egípcia e indígena não apenas refletem a cultura de seu tempo, mas também simbolizam aspectos universais da alma da mulher. Na psicologia analítica de Carl Gustav Jung, os arquétipos são padrões simbólicos coletivos que habitam o inconsciente humano. Ao aplicá-los à psique feminina, é possível explorar dimensões profundas do ser, como a intuição, a criatividade, o cuidado, a sexualidade e a sabedoria.

O estudo dos mitos e arquétipos femininos proporciona não apenas um entendimento mais amplo das experiências da mulher ao longo da vida, mas também caminhos de cura e autoconhecimento. Ao reconhecer os diferentes arquétipos que se manifestam em sua vida, a mulher pode integrar seus potenciais e desenvolver uma identidade mais autêntica e empoderada.

2. Deusas e Arquétipos do Feminino nas Mitologias

Mitologia Grega

A mitologia grega apresenta uma vasta galeria de deusas que simbolizam os diversos aspectos da psique feminina. Jean Shinoda Bolen (1990) destacou sete arquétipos principais em sua obra *As Deusas e a Mulher*, categorizando-os entre deusas virgens, vulneráveis e alquímicas:

- **Artemis:** Deusa da caça e da lua, representa a independência, o foco e a conexão com a natureza. É o arquétipo da mulher autônoma e livre.
- **Atena:** Deusa da sabedoria e estratégia, simboliza o intelecto, a lógica e o sucesso no mundo patriarcal.
- **Héstia:** Guardiã do lar, representa a espiritualidade interior e o recolhimento.

Entre as deusas vulneráveis:

- **Hera:** Deusa do casamento, ligada ao compromisso e à fidelidade.
- **Deméter:** Deusa da maternidade e nutrição, representa o cuidado, a fertilidade e o instinto materno.
- **Perséfone:** Rainha do submundo, simboliza a transformação, a dualidade entre a donzela e a mulher sábia.

Por fim, **Afrodite**, como deusa alquímica, representa a beleza, a sensualidade e o poder criativo.

Mitologia Egípcia

Na tradição egípcia, as deusas também apresentam múltiplas facetas do feminino:

- **Isis:** Deusa mãe, ligada à magia, cura, proteção e renascimento. É considerada um dos arquétipos femininos mais completos e venerados.
- **Hathor:** Deusa do amor, da música e da maternidade, traz à tona o arquétipo da mulher sensual e nutridora.
- **Sekhmet:** Deusa leoa da guerra e da cura, simboliza a fúria justa, a força instintiva e a proteção feroz.

Essas figuras femininas evidenciam a ambivalência da mulher como cuidadora e guerreira, pacificadora e transformadora.

Cosmovisões Indígenas

As culturas indígenas valorizam profundamente a sacralidade do feminino, integrando-a aos ritmos da terra e do cosmos. Diversas etnias indígenas brasileiras e de outras partes das Américas apresentam mitos ligados à Mãe Terra, à Grande Avó e aos espíritos femininos da natureza.

A figura da **Pachamama**, entre os andinos, representa a fertilidade e a abundância, sendo honrada como a própria Terra viva. Entre os povos indígenas do Brasil, entidades femininas como **Jurema**, **Ceuci** e **Iara** são evocadas em rituais de cura, sabedoria ancestral e conexão com os rios e matas. Esses mitos expressam a profunda ligação entre o feminino e os ciclos naturais, a intuição, a cura e a ancestralidade.



3. Arquétipos Junguianos Aplicados à Alma Feminina

Para Jung (1964), os arquétipos são formas primordiais do inconsciente coletivo, que se manifestam em sonhos, mitos, arte e comportamentos. No que se refere à psique feminina, esses arquétipos não são padrões fixos, mas forças dinâmicas que influenciam a forma como a mulher se relaciona consigo mesma e com o mundo.

Dentre os arquétipos junguianos que mais ressoam com o universo feminino, destacam-se:

- **A Mãe:** arquétipo universal do cuidado, da proteção e da nutrição. Pode se manifestar de forma generosa ou sufocante, dependendo de seu equilíbrio.

- **A Donzela:** símbolo da inocência, da curiosidade e do potencial não desenvolvido. Está associada ao início da jornada psíquica.
- **A Sábia (ou Anciã):** representa a introspecção, o conhecimento acumulado e o poder espiritual. Conecta-se ao fim dos ciclos e à sabedoria silenciosa.
- **A Amante:** arquétipo do desejo, da sensualidade e do prazer. É também fonte de criatividade e inspiração.

Jung também trabalhou com o conceito de **Ânima**, o arquétipo do feminino dentro da psique masculina. No entanto, muitas autoras pós-junguianas ampliaram esses conceitos para explorar como o feminino se desenvolve dentro da própria mulher, como um espelho multifacetado de sua alma.

A psicóloga Marion Woodman (1985) explorou esses arquétipos com profundidade, relacionando-os a processos de individuação, ou seja, o caminho que leva à integração consciente da personalidade. Segundo ela, ao reconhecer e integrar esses aspectos, a mulher pode curar fragmentações internas, restaurar sua autoestima e alcançar um estado de plenitude.

4. A Importância do Reconhecimento Arquetípico

O estudo dos arquétipos femininos oferece uma linguagem simbólica para que a mulher compreenda suas oscilações internas, seus conflitos e seus potenciais. Ao perceber que diferentes arquétipos podem estar ativos em distintos momentos da vida (ou mesmo simultaneamente), torna-se possível viver com mais autenticidade e menos autojulgamento.

Esses padrões são também ferramentas terapêuticas e espirituais. Em círculos de mulheres, rituais e práticas de autoconhecimento, trabalhar com arquétipos permite acessar o inconsciente de forma segura e criativa. O despertar de deusas interiores promove autoestima, consciência e reconexão com o sagrado feminino em sua dimensão mais profunda.

5. Considerações Finais

Os mitos e arquétipos femininos são portais simbólicos para o autoconhecimento e a cura da alma da mulher. Presentes em todas as culturas, eles revelam que o feminino é múltiplo, dinâmico e sagrado. Seja através das deusas gregas e egípcias, das entidades indígenas ou das estruturas arquetípicas junguianas, a mulher encontra espelhos de sua própria natureza interior — ora mãe, ora guerreira, ora amante, ora sábia.

Ao se reconhecer nessas faces, a mulher resgata sua potência criadora, espiritual e emocional. E, assim, trilha o caminho de volta a si mesma.

Referências Bibliográficas

- BOLEN, Jean Shinoda. *As Deusas e a Mulher: nova psicologia das mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- WOODMAN, Marion. *Leaving My Father's House: A Journey to Conscious Femininity*. Boston: Shambhala, 1985.
- NOBLE, Vicki. *O Feminino Sagrado*. São Paulo: Pensamento, 2003.
- JUNG, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- FAUR, Mirella. *O Anuário da Grande Mãe*. São Paulo: Pensamento, 2008.



A Força Simbólica na Jornada da Mulher: Mitologia, Inconsciente e Transformação

1. Introdução

A jornada da mulher é marcada por transições simbólicas que atravessam fases da vida, experiências afetivas, papéis sociais e descobertas internas. Cada uma dessas etapas é acompanhada por símbolos — conscientes ou não — que atuam como guias, espelhos ou portais. A força simbólica é, portanto, um elemento essencial na construção da identidade feminina, pois fornece significado, direção e conexão com algo maior. Na tradição psicológica junguiana, nos mitos ancestrais e nas práticas espirituais femininas, o símbolo ocupa lugar central como linguagem da alma e instrumento de transformação interior.

Neste contexto, compreender a simbologia na vida da mulher é reconhecer que sua trajetória não é apenas biográfica, mas também arquetípica, espiritual e coletiva. Os símbolos revelam conteúdos do inconsciente, evocam emoções profundas e conduzem à cura de feridas ancestrais. Através deles, a mulher pode reinterpretar sua história, resgatar sua força e integrar as múltiplas faces de seu ser.

2. O Simbolismo como Linguagem da Alma

Carl Gustav Jung (1964), fundador da psicologia analítica, definiu o símbolo como uma expressão que remete a algo maior e inconsciente, impossível de ser totalmente apreendido pela razão. Os símbolos emergem dos sonhos, mitos, rituais, arte e espiritualidade como manifestações vivas do inconsciente coletivo.

Na jornada da mulher, eles aparecem como fases lunares, ciclos menstruais, arquétipos femininos, imagens de deusas e elementos da natureza.

O símbolo atua como mediador entre o ego e o inconsciente. Quando acolhido conscientemente, ele possibilita transformação e expansão da consciência. Por isso, o trabalho simbólico é central em processos terapêuticos, cerimônias de passagem e práticas de autoconhecimento. A mulher que aprende a ler os símbolos de sua vida passa a ver sentido mesmo nas crises e dores, compreendendo que cada desafio pode conter um convite à metamorfose.

3. A Jornada Feminina como Caminho Iniciático

Diferentemente da narrativa tradicional da jornada do herói, comumente associada à conquista externa, a jornada da heroína — como propõe Maureen Murdock (1990) — é um percurso voltado à integração do feminino ferido, à reconciliação com o corpo e ao resgate da alma. Esta jornada é simbólica e iniciática: inclui rupturas, mortes simbólicas, encontros com sombras e o retorno com sabedoria.

A menarca (primeira menstruação), a gestação, o parto, a menopausa, os lutos e os renascimentos interiores são marcos simbólicos que sinalizam transformações profundas. Quando essas experiências são ritualizadas ou compreendidas simbolicamente, elas se tornam poderosas fontes de identidade e pertencimento. O símbolo transforma o evento em rito, e o rito em sentido.

Mirella Faur (2008) observa que a ausência de ritos de passagem simbólicos na sociedade moderna contribui para o vazio existencial e a desconexão com os próprios ciclos. Retomar esses símbolos por meio de práticas como círculos de mulheres, jornadas xamânicas ou arteterapia é uma forma de restaurar o elo com a própria essência.

4. Arquétipos e Símbolos na Jornada da Mulher

Arquétipos são formas primordiais de comportamento e emoção que se expressam por meio de símbolos. A mulher, ao longo de sua vida, experimenta diferentes arquétipos — donzela, mãe, feiticeira, anciã — que podem se manifestar de forma simbólica em sonhos, imagens internas ou relações.

A **donzela**, por exemplo, simboliza o início da jornada, o desejo de explorar o mundo e a energia da juventude. A **mãe** representa a nutrição, o cuidado e o florescimento. A **feiticeira**, muitas vezes temida, traz a sabedoria da sombra, da intuição e da sexualidade. A **anciã** guarda os mistérios da morte e do renascimento, sendo símbolo de sabedoria e completude (Bolen, 1990).

Símbolos como o **útero**, a **lua**, a **serpente**, a **água** e a **flor** são recorrentes na mitologia e na espiritualidade feminina. O útero representa criação e potência. A lua expressa a ciclicidade emocional. A serpente, em muitas culturas, simboliza o poder regenerativo e instintivo. A água é fonte de purificação, fluxo e memória. Esses símbolos não apenas representam algo, mas ativam estados psíquicos e espirituais na mulher que os contempla ou incorpora em sua vida.

5. A Cura Simbólica das Feridas Femininas

A mulher carrega feridas individuais e coletivas — de repressão, abandono, violência ou silenciamento — que muitas vezes se instalam no inconsciente como padrões repetitivos. A linguagem simbólica é um caminho privilegiado para acessar essas feridas e promover sua transmutação.

Como aponta Clarissa Pinkola Estés (1994), os contos de fadas, mitos e histórias ancestrais contêm chaves simbólicas para curar a psique feminina. Através do símbolo, a mulher pode reencontrar sua loba interior, sua voz silenciada, seu corpo sagrado. As práticas simbólicas — como escrever diários, dançar os arquétipos, criar mandalas ou participar de círculos — são formas de resgatar essa dimensão curativa.

A cura simbólica não exige explicação racional, mas sim presença, escuta e entrega. Ao ativar símbolos de poder, a mulher se reconecta com o que foi perdido: seu instinto, sua sabedoria e sua liberdade.

6. Considerações Finais

A jornada da mulher é profundamente simbólica. Cada fase da vida, cada transformação e cada dor trazem em si um convite arquetípico para o crescimento e a integração. Reconhecer a força simbólica nessa trajetória é romper com narrativas limitantes e abraçar a própria complexidade com beleza e coragem.

Símbolos são bússolas internas que guiam a mulher de volta para si mesma. Por meio deles, ela descobre que não está sozinha em sua jornada — caminha ao lado de todas que vieram antes e de todas que virão. O símbolo, ao revelar o invisível, devolve sentido, pertencimento e alma à experiência feminina.

Referências Bibliográficas

- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que Correm com os Lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- BOLEN, Jean Shinoda. *As Deusas e a Mulher: nova psicologia das mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- FAUR, Mirella. *O Anuário da Grande Mãe*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- MURDOCK, Maureen. *The Heroine's Journey: Woman's Quest for Wholeness*. Boston: Shambhala, 1990.

